



ACTAS
XV Congreso Internacional ALADAA
11 - 14 enero, 2016 |
Santiago
Chile

**"40 años de ALADAA:
Identidad, pertinencia e impacto de los estudios
de Asia y África en América Latina."**

Universidad del Desarrollo (UDD)
Universidad Adolfo Ibáñez (UAI)
SANTIAGO, CHILE

Plano 1, Tomada 2: o Japão revisitado por dois brasileiros

Atilio Avancini e Joel Sene,
Universidade de São Paulo
joelsene@gmail.com

Apresentação de ensaio audiovisual produzido pelos professores Atilio Avancini e Joel Sene, ambos da Escola de Comunicações de Artes da Universidade de São Paulo. Em 2006 e 2009, numa estadia durante um ano letivo no Japão como professores visitantes, os autores viveram experiências diferentes em épocas distintas. Em 2015 voltaram ao Japão e criaram o discurso audiovisual aqui apresentado, editado ao ritmo das canções do músico bossanovista japonês ShiroIyanaga, professor da Universidade de Estudos Estrangeiros de Kyoto. Trata-se de uma crônica audiovisual ou uma visão do cotidiano nipônico filtrado pela experiência estética brasileira.

TEXTO



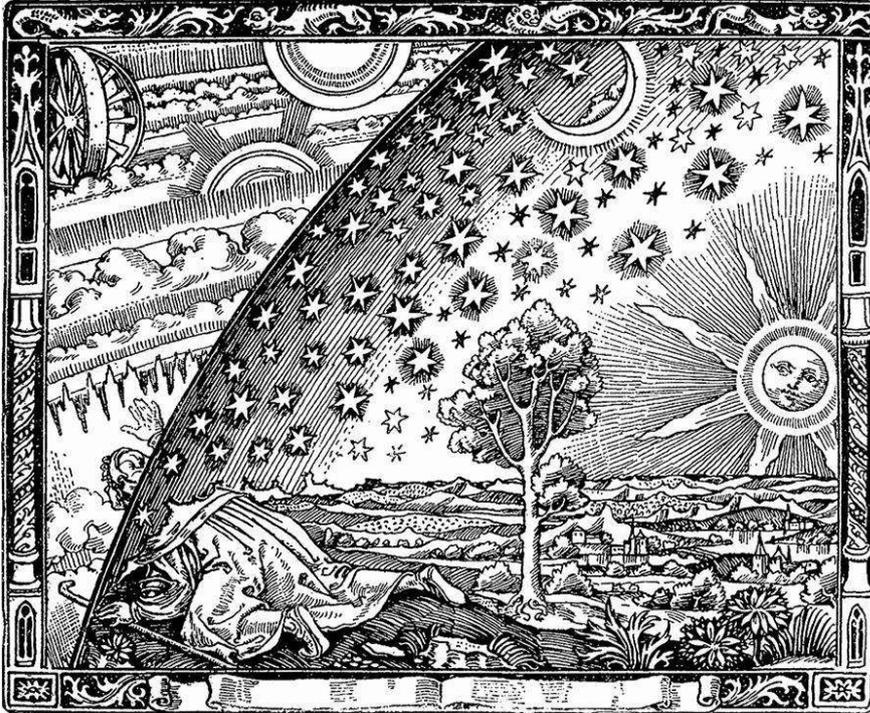
¹ Hanami (2009). Fotografias por Joel La Laina Sene

Roteiro preliminar

O ponto de partida dessa reflexão é a narrativa do cronista. Passa pelos devaneios gerados por navegantes do século XV da era moderna ocidental, que circulavam com suas naus por um mundo exótico, conhecido apenas por relatos fantasiosos e míticos. Em minha tenra infância costumava imaginar uma entidade que entrava pela janela nas noites quentes do verão e contava histórias de viagens a lugares tão diferentes, que por si só emanavam aquela magia do limite entre o sono a vigília. Percorríamos territórios de aventura através das fronteiras do pensamento a desvelar experiências alegóricas.

Algum tempo depois me apareceu uma revelação surpreendente. As histórias narradas, pelo personagem da janela dos devaneios, existiam e estavam gravadas em um livro maravilhoso muito antigo e que podiam ser confirmadas. Marco Polo, mais tarde, vai se tornar um personagem de “Cidades Invisíveis” Calvino (1990). A crônica é a narrativa adequada para o pensamento imaginário, este que pode ser formatado em luz e sombra assim como nos

acostumamos a admirar com espanto e prazer imagens advindas das modernas câmeras escuras.



ⁱⁱ Gravura anônima: L'Atmosphere publicada pela primeira vez em Camille Flammarion, *Météorologie Populaire* (1888, p. 163).

A fotografia é um modo contemporâneo de escrever uma experiência presenciada. Assim como o cronista faz questão de se inserir em seu relato, dando um tom de testemunho documental, o fotógrafo por sua vez não escapa a essa condição. O ponto de vista, estatuto opinativo do lugar de onde lança um olhar, interpreta de modo único, e ao mesmo tempo redundante, um acontecimento capturado no retângulo limitado da moldura, e expandido no espaço reconstruído pela visão e repertório cultural do espectador. Quando estabelecemos uma conexão com as imagens fotográficas estamos a substituir a posição em que o fotógrafo indicava a cena, mas imediatamente queremos reconhecer, ou re-significar a imagem, a partir de nossos arquivos de memória. As seqüências fotográficas seriam relatos mais afeitos ao viajante cronista, pois retratam micro narrativas percebidas pelo olhar transeunte.

Ao apresentar este tecido híbrido que vigora na trama de um ensaio audiovisual utilizo a palavra “devaneio” como desejou Bachelard (1998) um movimento de caráter e intenção poética sinuosa em que a seqüência de imagens torna o sonho inconsciente masculino “*le rever*” em travessia desperta “*la rêverie*” feminino no idioma francês. Parece pretensão, mas uma certa dificuldade para o discurso verbal me encaminhou para as narrativas audiovisuais. Assim nessas águas onde habitam sereias encantadas me sinto mais confortável.



ⁱⁱⁱ O pequeno samurai no portal Templo Todai-iji, em Nara.

A grande São Paulo, onde nasci e vivi quase toda minha vida, deve ser conhecida como uma metrópole caótica. Provavelmente por ser erguida sob uma égide multicultural, tenha se tornado uma terra acolhedora. Talvez seja a cidade que abriga o maior contingente nikkei fora do Japão. Para um paulistano o Japão é literalmente o outro lado do mundo. O olhar estrangeiro atraído pelo inalcançável é evidente. De todo modo minhas paisagens nipônicas serão inevitavelmente dramatizadas pelas personagens que as habitam. Um vício da cinematografia, atividade que permeia meu cotidiano profissional há mais de quarenta anos.

A oportunidade de viver por um ano em Kyoto, como professor convidado foi sem dúvida um prêmio para um ser viajante. Minha função seria ensinar minha língua materna para universitários japoneses estudantes de letras, língua portuguesa. Imaginei que as agruras do idioma já seriam encaminhadas pelos professores locais, e cabia ao nativo trazer a cultura junto ao português falado no Brasil. O audiovisual brasileiro, em toda sua amplitude de gêneros ficcionais, documentais, musicais me acompanharam durante um longo “plano seqüência” vivenciado no ano letivo 2009-2010. Em março-abril de 2015, em plena florada das cerejeiras, me foi permitido retornar ao Japão. Seria o momento captar uma segunda tomada. Na cinematografia há uma diferença básica entre o formato ficcional e o documental, pois neste último os planos e tomadas são sempre únicos e nos gêneros ficcionais como muitas vezes as cenas são representadas há a necessidade ou a oportunidade de se repetir as cenas. No roteiro os planos são numerados, e as tomadas podem ser inúmeras, no entanto, haverá uma escolha de uma dessas tomadas para figurar na montagem final. Quando um lugar nos impacta, devemos nos prometer retornar, no entanto, o espaço estará praticamente igual, e o clima exacerbado pelo tempo decorrido naturalmente novo e diferente. Assim o documento de algo novo jamais visto e do premeditado além do criado inventado é uma constante na crônica, relato dos estrangeiros. Essa é essência da fotografia, meu ofício, em que quase tudo já foi fotografado, mas nem tudo passou pela seleção do meu olhar.

Para estudiosos da cultura nipônica não apresento novidade, mas sim uma visão, e a partir de meus instrumentos de mira. A câmera registra uma imagem do passado, que se mostra presente na fruição. Já se disse a respeito do arqueiro zen, que ele aponta para um alvo externo, mas na verdade quer atingir a si mesmo.

“O importante na arte, é pensamento por imagens, o primeiro destinatário é o próprio autor, e não outros, e que estes modos de conhecer constituam um sistema, que se organizem em uma poética, singular, coerente e explícita” (Caprettini, 1994, p.192) . Assim é minha câmera: uma arma carregada de futuro a apresentar um percurso, que espero ser minimamente instigante. O Brasil antes de ser um continente mestiço era habitado apenas por locais nativos, depois vieram os colonizadores portugueses, somados aos migrantes trazidos a força da África, e outros vindos por necessidade da Ásia e novamente da Europa, foi um lugar imaginário, uma ilha.

Brazil. Ilha na mesma latitude do sul da Irlanda. O nome talvez seja gaélico, uma vez que *Bresail* é o nome de um antigo semi-deus pagão e ambas as sílabas *Bres* e *ail* denotam admiração. Consiste em um brande anel de terra em torno de um mar interior e pontilhado de ilhotas. O mortal comum não pode vê-la e somente uns poucos escolhidos foram abençoados com a visão de Brazil. Angelinus Dalorto, l’Isola Brazil, Genova, 1325 in (Manguel, 2003, p.68).



^{iv} Janelas de aventura, Porto de Kobe 2015.

Alternativas

Conhecemos a história da árvore nativa que foi levada a Europa para tingir os tecidos na cor vermelha, de brasa, o pau-brasil teria dado o nome ao país. Como já disse o poeta, “minha tem palmeiras onde canta o sabiá, e as aves que aqui gorjeiam não cantam como lá...”. Hoje não existem mais tantas árvores nativas o pau-brasil é a rara madeira do arco que tange os

violinos, o Brasil é uma terra musical, com a influência das aves cantoras e dos ritmos africanos. A mistura de raças e culturas é uma das características mais evidentes no ser brasileiro atual.

Com a impossibilidade de contar com a presença física, e com a canção composta por dois colegas, os professores Atilio Avancini da Universidade de São Paulo e Shiro Iyanaga da Kyoto University of Foreign Studies, optei por utilizar na apresentação apenas minhas séries fotográficas, embaladas por canções da Bossa Nova escolhidas em “Casa”. O CD Casa (2002) de Jacques e Paula Morelenbaum, com Ryuichi Sakamoto foi gravado na casa de Tom Jobim, um dos principais compositores da Bossa Nova e autor de todas as músicas contidas no disco. As canções escolhidas para acompanhar minhas imagens apresentam títulos interessantes e componentes em acordo com os temas das crônicas fotográficas: “Sabiá” é um pássaro cantor, encontrado em quase todo Brasil, mas atualmente é um pássaro que também vive nas cidades. Até na árida metrópole paulistana podemos ouvir seu canto cobrindo o rumor da madrugada. O vocábulo “sabia” sem o acento se torna o verbo, saber, em um passado imperfeito. Já com o acento na primeira sílaba como em “sábua”, designa uma personagem do conhecimento, alguém que merece ser ouvida. “A derradeira primavera” alude ao clima da renovação, a principal estação do ano, onde tudo recomeça no símbolo e esplendor das cerejeiras. “Bonita” na voz de Paula Morelenbaum é um pleonasma de som e imagem. Por fim, em “Improvisation” os timbres instrumentais transformam a canção “Retrato em Branco e Preto” em uma interpretação apropriada para a presença nipônica de Ryuichi Sakamoto. Assim preservei o estilo das canções que constroem as pontes culturais para a narrativa fotográfica registrada em duas épocas: no ano letivo japonês de abril de 2009 a março de 2010 e na primavera de 2015. A Bossa Nova é uma espécie de música de fundo no Japão. Em vários ambientes, especialmente nos cafés, torna-se corriqueiro em qualquer cidade japonesa ouvir música brasileira, muitas vezes em português. Os cafés são locais de encontro, de trabalho ou estudo no Japão. Imagino que o espaço de uma mesa com alguma refeição e conforto para estar concentrado talvez não esteja disponível nas exíguas residências. Isso faz do café uma extensão pública das casas. Em raríssimos momentos visitei alguém ou fui visitado no Japão, de todas maneiras, nos espaços públicos se experimenta conhecer um pouco da intimidade da gente que habita esse outro lado mundo. Ouvir canções brasileiras na rua me transportava imediatamente ao Brasil, e simultaneamente de volta ao Japão. Outros modos exemplares de realizar esses transportes se efetivaram no carnaval brasileiro de Kobe, e posteriormente no porto dessa cidade de onde saiu o navio Kasato Maru em 1908 com os emigrantes japoneses “de Kobe para o mundo”.

O ensaio fotográfico, é um modo alegórico (Caprettini, 1994) de conceber as narrativas e que faz conexões com nossa percepção do mundo. É certo que a perspectiva renascentista ocidental vigora nos registros desde os tempos modernos, e essa visão é contemporânea das grandes navegações. Primeiro nos desenhos a partir dos perspectivadores como a *tavoletta de Brunelleschi* e a câmera clara, e logo a câmera obscura, precursora de todas as câmeras fotográficas e cinematográficas. No oriente, os modos de registrar as paisagens e suas hierarquias evidentemente não foram os mesmos assim como ordem hierárquica e o posicionamento dos elementos no plano não guardaram semelhanças com a perspectiva *naturalis*, do sistema visual humano. Talvez por conta da escrita e leitura tradicional dos kanji, nós ocidentais também inferimos erroneamente, que lá as imagens deveriam ser lidas preferencialmente de cima para baixo e da direita para a esquerda. No entanto, as imagens

em qualquer cultura podem indicar outra ordem diversa de leitura, que não guarda os princípios da escrita, tanto ocidental quanto oriental. Ou seja, podemos ler todo o conjunto e simultaneamente elementos dispersos, mas destacados por cor, textura ou luz, enfim composição. O modo de olhar por meio das câmeras, perspectivadores de origem, vai estar presente em qualquer imagem técnica, que é aquela formada por aparelhos. Isto é, o lugar de onde se olha é o ponto de vista, ou a opinião, o que se olha é determinado pelo enquadramento, que de certo modo também considera os espaços vazios, elementos que estão fora da janela. Como se olha, vai se ater a quantidade, qualidade, e direcionamento da luz.

Antes de 2009 eu nunca havia estado no Japão, por outro lado, todas as câmeras que tive até hoje são de fabricação japonesa. A fotografia no Japão é um dispositivo de anotação, ou registro imagético há muito tempo. As paisagens do fotógrafo Kusukabe Kimbei (1841-1934), assim como as gravuras ukiyo-e, em especial a partir da era Meiji (1867-1902) com a crescente ocidentalização, seguem a composição da perspectiva *artificialis*, produzida por aparelhos. Ainda hoje câmeras tradicionais de película convivem cotidianamente no Japão com câmeras sofisticadas. Sensores cada dia maiores e mais sensíveis são superiores em relação a película, na capacidade de captar imagens fixas e mesmo em movimento. Durante o século XX a linguagem audiovisual se tornou uma forma de comunicação universal, pois não guarda fronteiras nacionais, e portanto não está restrita a língua e os desentendimentos das traduções.



∨ Cada indivíduo é uma paisagem. No trem de Osaka a Kyoto 2010.

O discurso audiovisual é polissêmico por excelência. Cada imagem pode ser lida por camadas que resignificam o conteúdo, percebido mais evidente na primeira impressão. Chamamos de primeiro, segundo, e plano de fundo, mas nem toda fotografia contém claramente essas três camadas básicas. Uma fotografia é, antes de mais nada, uma representação gráfica em duas dimensões de um evento que entendemos como tridimensional. Por isso, haverá um plano, superfície dentro da janela visível, e uma profundidade onde se compõe as referidas camadas. Quando elaboramos sequências fotográficas estamos de um lado dirigindo o olhar, a ordem e o tempo de leitura desse discurso. Por outro lado estamos relacionando as imagens no

decorrer do tempo de projeção. A música, que acompanha, dá ritmo à montagem, e por sua vez também dialoga com o conjunto de imagens. A emoção se permite aflorar e não estamos em um ambiente racional, detectável e exato, mas sim tratando de uma consciência poética em que um espectador não estará vivenciando o mesmo que o outro ao seu lado, embora possam estar partilhando o mesmo discurso e no mesmo momento.

Os relatos de viagem, ou as crônicas geraram documentos inestimáveis para a humanidade. Textos e imagens que nos contaram experiências vividas em locais distantes. Os recursos contemporâneos de captação e veiculação de imagens, tem produzido uma quantidade monstruosa de registros, a maioria perdidas em memórias virtuais. Minha intenção, nesta pequena apresentação, foi estabelecer um elo de ligação entre a cultura de metrópole paulistana, brasileira, sul-americana com o universo cultural de algumas cidades do arquipélago conhecido como a terra do sol nascente. Não tenho conclusões a respeito dessa outra maneira de contar, Berger (1998), mas entendi que essas reflexões partilhadas poderiam gerar sintonia e uma motivação em um congresso na América Latina para assuntos de África e Ásia.

Referências bibliográficas, e notas

BACCHELARD, Gaston (1988). *A poética do devaneio*, Martins Fontes, São Paulo, Brasil
BERGER, John (1998). *Outra maneira de contar*, Mestizo A. C., Murcia, Espanha.
CALVINO, Italo (1990). *As cidades invisíveis*. Cia das Letras, São Paulo Brasil.

_____ (2006). “L’avventura di un fotografo” in *Gli amori difficilli* Mondadori, Verona Itália.

CAPRETTINI, G. P. (1994). “Alegoria” in *Enciclopedia Einaudi 31 Signo*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Portugal, pp.247-248.

_____ (1994). “Imagem” in *Enciclopedia Einaudi 31 Signo*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Portugal, pp. 175-199.

MANGUEL, Alberto (2003). *Dicionário de lugares imaginários*, Companhia das Letras, São Paulo, Brasil.

NOVAES, Adauto org. (1995). *O Olhar*, Companhia das Letras, São Paulo Brasil.

PIZARRO GÓMEZ, F. J. (1999), “Mitos y monstruos del imaginario americano como laberinto de la identidad” in Marcondes, N. Bellotto, M. *Labirintos e nós: imagem ibérica em terras da América*. Editora UNESP, Imprensa Oficial de São Paulo, Brasil.